

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LISBOA, CAPITAL DA INTRIGA INTERNACIONAL
11 de março de 2026

COMANDO DE ASESINOS / 1966

Fim-de-Semana com a Morte

um filme de **Julio Coll**

Realização: Julio Coll / **Assistente de Realização:** David Quintans / **Argumento:** Julio Coll, Helmut Harun, José Germán Huici (Adaptado do romance “*O Caso Bardot*” de António de Andrade Albuquerque sob o pseudónimo Dick Haskins / **Direção de Fotografia:** Pedro Martín, Mario Pacheco / **Montagem:** Rosa G. Salgado / **Direção de Arte:** Teddy Villalba / **Cenários:** José Luis Bayonas / **Maquilhagem:** Adolfo Ponte / **Departamento Técnico:** Bourdain de Macedo / **Música:** Rafael Ibarbia / **Composição:** José Luis Navarro / **Interpretação:** António Vilar, Letícia Román, Peter van Eyck, Américo Coimbra, Mikaela, Artur Macedo, Klausjürgen Wussow, Corny Collins, Ricardo Rubinstein, José Cardoso, Ricardo Valle, Frank Branã, Antonio Pica.

Produção: Hispamer Films, International Germania Film, Producciones A.V. / **Produtores:** Alfons Carcasona, Antonio Vilar / **Cópia:** digital, cor, versão falado em castelhano e legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 83 minutos / **Estreia:** RFA, 29 de julho de 1966 / **Estreia em Portugal:** Lisboa, Cinema Éden, 21 de Abril de 1967 / Primeira exibição na Cinemateca.

Realizado em 1966 por Julio Coll, **Comando de asesinos** é um exemplo paradigmático do chamado *Eurospy*, um subgénero europeu de filmes de espionagem que floresceu na década de 1960 na esteira do sucesso de **Dr. No** – como torna evidente o título do filme em italiano, **Sette killers a caccia del prof. “Z”**, porque as distribuidoras italianas aproveitavam todas as oportunidades para evocar o número “7” e lembrar o potencial espectador do mais famoso espião do mundo. Produzidos em regime de coprodução entre países da Europa Ocidental – e em Portugal (que tinha escassos recursos cinematográficos e uma indústria praticamente inexistente) só se fizeram três destes, sendo o **Fim-de-Semana com a Morte** o único presente no ciclo -, estes filmes funcionavam como equivalentes cinematográficos da literatura “pulp”, narrativas velozes, repletas de perseguições, *gadgets*, tiroteios e mulheres fatais, onde a intriga internacional servia sobretudo de pretexto para uma aventura cosmopolita. O herói-tipo do *Eurospy* é simultaneamente astuto, *cool* e ligeiramente arrogante – neste caso o nome *Dick* assenta-lhe bem.

Esse nome - Dick Haskins – é tanto o do protagonista como o pseudónimo de António de Andrade e Albuquerque, que publicava ficção de espionagem e é o autor do romance que inspira o filme. A adaptação, porém, esteve longe de ser pacífica. O contrato inicial previa que o escritor aprovasse o guião final, uma cláusula que quase passou despercebida à produção e que esteve perto de levar o caso a tribunal. O argumento acabaria por ser profundamente alterado.

A intriga acompanha a disputa por uma fórmula cobiçada por várias potências e organizações clandestinas. Dois agentes internacionais - interpretados por Peter van Eyck e António Vilar - movem-se entre alianças e rivalidades numa sucessão de encontros, perseguições e confrontos onde a clareza narrativa importa menos do que o prazer do jogo. Como já dito, no típico *Eurospy*, a espionagem é tratada com uma leveza quase lúdica, e isso fica claro na ligeireza quase hilariante da cena inicial dos créditos.

O filme ilustra também o funcionamento típico das coproduções europeias da época. No *plateau*, cada actor falava frequentemente a sua própria língua - alemão, português ou castelhano - sendo depois dobrado e remontado para os diferentes mercados. A versão distribuída nos países de língua alemã, por exemplo, omite cenas, altera diálogos e reorganiza partes do enredo chegando mesmo a alterar as identidades das personagens. A personagem de van Eyck torna-se Dick Haskins e ocupa o centro da narrativa, enquanto a personagem de Vilar é transformada no agente francês Pierre Genet, implicando até a substituição da cena inicial em Londres – que aqui vemos - por imagens de Paris.

Mais do que um porto de espões Lisboa é um cenário turístico. Numa perseguição, os espões refugiam-se num autocarro de turismo e assistimos a uma visita guiada pela cidade - com enquadramentos e descrições que variam consoante a versão espanhola ou alemã, apontando para diferentes públicos-alvo. A perseguição final culmina na da Ponte Salazar - assim chamada na época - ainda em construção, numa apropriação que quer passar como um marco da modernização do país. O investimento de co-produção provém da crença de que o cinema podia servir os interesses do regime associados à promoção turística, num momento em que Portugal, a braços com guerras coloniais, precisava de uma imagem externa atraente. A intenção não só era assumida como reforçada, um crítico da época chegou mesmo a descrever o filme como um “colourful advertisement for beautiful Portugal”.

Hoje, **Comando de Asesinos** permanece como um documento revelador de um fenómeno muito específico do cinema europeu dos anos 1960. Durante breves anos, antes de a fórmula se esgotar, os filmes *Eurospy* dominaram a produção popular do continente - sintoma de um tempo em que a desconfiança e a paranóia da Guerra Fria se infiltravam até nas formas mais escapistas do entretenimento.

Tiago Leonardo